

## Santa Maria de Gilmonde

GILMONDE, orago Santa Maria, era vigararja da apresentação do D. Prior da Colegiada de Barcelos.

D. João I doou ao Condestável D. Nuno Álvares Pereira, por carta de 5 de Fevereiro de 1425, os padroados e direitos de apresentação das Igrejas das suas terras de Barcelos (1).

Por sua vez, D. Fernando, 9.º Conde de Barcelos e 2.º Duque de Bragança, quando da criação da Colegiada de Barcelos em 1464, fez-lhe doação dos rendimentos e direitos de apresentação de várias freguesias, uma das quais era a de Gilmonde. Passou pois esta freguesia do padroado real para o da Casa de Bragança e desta para o da Colegiada, no qual se conservou até 1834.

*Gilmonde* é derivado do genitivo de um nome próprio gótico.

Antigamente escrevia-se Gimondi e o povo ainda hoje pronuncia Germonde.

Vem nas Inquirições de 1220 com a designação—«De Sancta Maria de Gesmundi», nas Terras de Faria.

Nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum.

Que nesta freguesia costumava entrar o Mordomo

(1) *Domingos Joaquim Pereira (Abade do Louro) — Memória Histórica, pág. 257.*

e pagavam voz e calúnia, porém «nutrierunt ibi filiam de domno Garcia Menendiz et propter illam (1) et propter Martinum Moniz et propter Petrum Petri milites non intrat ibi Maiordomnus nec pectant vocem nec calumpniam nec dant gallinam nisi tantum in Revordaos».

No distrito desta freguesia, nos limites com a de Milhazes, em um morro do monte da Franqueira, esteve o histórico e decantado castelo de Faria (2).

A sua fundação é anterior à constituição da nossa nacionalidade; «castelo real da idade média, a sua origem some-se nas trevas dos tempos que já lá vão há muito», diz Alexandre Herculano nas «Lendas e Narrativas».

Quando na primavera de 1128 Afonso Henriques solta o grito de revolta contra o governo de sua mãe, começa por tomar os castelos do Neiva e Faria; neste último se demora algum tempo, empregando-o na conquista das terras que ainda conservavam voz pela velha rainha.

Já antes aqui tinha estado, assinando nessa ocasião documentos importantes (3).

(1) *Eram as chamadas Honras por amadigo.*

(2) *Alguns escritores, como o Padre Carvalho na Corografia Portuguesa, vol. I, pdg. 275, dão este castelo como situado na freguesia de Faria e outros na de Milhazes, entre estes o snr. José de Azevedo Menezes nas «Ninharias» pág. 158. A primeira vez que ouvi dizer que estava dentro dos limites da de Gilmonde foi ao seu muito digno Reitor snr. Padre João Gomes do Vale, no seu bem elaborado discurso proferido na sessão inaugural da Escola Primária desta freguesia. Percorrendo o local verifiquei que na verdade pelos marcos divisórios da freguesia o castelo está dentro dos seus limites.*

(3) *Foi no castelo de Faria que Afonso Henriques, na presença de sua mãe, fez couto ao mosteiro beneditino de Manhente, divisando por marcos e balisas as terras que coutava. Crónica da Provinda da Soledade, Port. I. Lio, II, cap. H, pág. 280 e Céu Aberto na Terra, Liv. II, cap. IX.*

Este moço príncipe deu o senhorio da Terra e castelo de Paria ao amigo e cooperador da sua grande obra, Hermígio Moniz, uma das personagens mais notáveis da sua corte. Na luta fratricida de 1245, um seu alcaide, cujo nome a história felizmente não regista, passando-se para o partido Bolonhez, entrega a este o castelo, de que tinha feito menagem a D. Sancho II.

D. Pedro I, por carta de 26 de Junho de 1357, e D. Fernando, por carta de 21 de Março de 1367, dão o castelo de Faria a Nuno Gonçalves.

Em 1373 regista-se o feito heróico dos seus alcaides.

Chegando a invasão castelhana às proximidades de Barcelos, Nuno Gonçalves de Faria, encarregando da defesa do castelo seu filho Gonçalo Nunes de Faria, vai, com alguns companheiros, em socorro do valoroso conde de Ceia.

Quando, porém, atravessada a vila, chega ao sítio onde se tinha dado o recontro, já D. Henrique Manuel, vencido, tinha fugido para Ponte do Lima.

Caindo o bom alcaide em poder dos castelhanos, é feito prisioneiro e, trazido junto dos muros do seu Castelo, pede para falar ao filho.

Rodeado de seus inimigos intima então Gonçalo Nunes a não se render e a manter o castelo por seu rei, ainda que à sua vista o atormentem e o matem.

Assim sucedeu: mataram-no na presença do filho, mas este resiste heroicamente, defendendo a honra de Portugal, e o castelo de Faria não foi tomado pelos castelhanos.

Que belo quadro o de Condeixa em que no primeiro plano tomba o velho guerreiro alvejante na sua cota de armas e junto ao parapeito da barbacã se ergue a figura do moço alcaide a bracejar no seu impotente desespero!

Nas guerras da independência, após a morte do rei D. Fernando, o entre Douro-e-Minho era quase todo por Castela; na libertação dessas terras encontra-se a tomada do castelo de Faria.

Entrou por fim este em decadência e foi caindo em ruínas. As suas pedras desmoronadas rolam pela encosta e os povos vizinhos vão-nas retirando para construções de muros e casas, sendo o resto aproveitado na edificação do convento do Bom Jesus do monte da Franqueira, no século XVI.

Da velha fortificação medieval nada ficou sobressaindo à terra; apenas se vêem vestígios dos seus alicerces dos quais, por iniciativa do patriótico «Grupo Alcaides de Faria — Pró-Franqueira», se puseram já a descoberto os da torre de menagem e alcáçova.

É este um lugar que todos devem visitar com devoção. Quando da segunda invasão francesa, projectou-se formar um exército de observação e defesa à vila de Barcelos e destinou-se para seu acampamento a Gandra de Gilmonde, onde se chegou a fazer algumas obras e outros preparativos.

Por fim esse exército não se organizou e a passagem dos franceses aqui foi apenas acidentada por uma pequena escaramuça com guerrilhas mal armadas e mal apetrechadas que debandaram aos primeiros tiros.

O inimigo porém irritado cevou as suas iras na população inerme, incendiando Casas e matando várias pessoas.

Neste mesmo lugar existe uma mamoa ou mamozinha a atestar a passagem por aqui de povos antigos.

A Igreja Paroquial dizem que era primitivamente junto do sítio das Campas; contudo já nos princípios do século XVIII nos aparece no sítio onde actualmente está.

Pelo livro das Visitas desta freguesia se vê que precisava de obras em 1728, 1736, 1745, 1763 e 1822.

É de arquitectura simples, tendo apenas de notável dentro os tectos em caixotões, com florões e traves a descoberto.

Tinha na fronteira um campanário para um só sino o qual estava quebrado em 1730.

Em 1738 capitulava-se um torreão no alto da escada do coro, à *semelhança do de Milhazes*, que ainda não estava feito em 1888.

A actual, torre foi mandada construir em 1888 pelo comendador Manuel Gomes Barroso e seu irmão Agostinho Gomes Barroso.

Existe nesta Igreja uma bela e artística custódia cuja fotografia vem no «Barcelos Resenha » à pág. 80.

O Cruzeiro Paroquial tem no plinto a data 1764.

A Residência ou Presbitério está ao poente da Igreja Matriz, um pouco distante; foram ordenadas obras nela em 1744, 1797 e 1822.

Há nesta freguesia quatro capelas.

A *Capela de Nossa Senhora da Ajuda ou Almas*, no lugar da Mota, mostra ser feita havia quinze anos, em 1746, como se vê no livro das Visitas.

Em 1772 a sua administradora obteve Provisão para ser abolido o património; em 1784 foi mandada dourar e, como a mesma administradora não cumprisse, foi condenada em 1786 e obrigada novamente a fazer-lhe património. Em 1795 pede a administradora licença para desfazer o cabido, ficando só a capela, o que lhe é concedido.

A *Capela de Nossa Senhora do Pilar ou São João*, junto à casa da Ex.<sup>ma</sup> Senhora D, Laura de Sousa Costa Viana, é brasonada.

Em 1767 é intimado o administrador a apresentar licença da fábrica dessa capela e de ter na fronteira da mesma umas armas.

*A Capela de Nossa Senhora da Salvação*, no lugar de Rebordões. Em 1741 se manda fazer obras no cabido da mesma.

*A Capela de Nossa Senhora da Ajuda*, da casa da Fervença, foi visitada em 1765 e nela havia um cálice primoroso mas que poucas vezes servia.

Esta capela, junto à Casa da Fervença e dentro do seu amplo terreiro, pertence hoje ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor Visconde da Fervença.

Há nesta freguesia os seguintes *Nichos*: o de Rebordões, o Outão e o do Meão, tendo este na frente do seu pequenino alpendre a seguinte inscrição: «1806 Manoel José Gomes Torres mandou fazer este nicho ».

O Cemitério Paroquial tem sobre o seu portão: «Cemitério de Gilmonde — Oferecido pelo Ex.<sup>o</sup> Sr. Comendador Manoel Gomes Barroso —1907 ».

Antes da construção deste cemitério enterrava-se no Adro, em volta da Igreja Paroquial, onde ainda se vêem muitas sepulturas com cruzes e tampas de pedra.

Está esta freguesia situada em planície, a noroeste do monte da Franqueira, e confronta pelo norte com o rio Cávado, pelo nascente com a freguesia de Barcelinhos, a de São Paio do Carvalhal e a de Pereira pelo sul com a de Milhazes e pelo poente com a de Vila Seca e a de Fornelos.

É servida pela Estrada Nacional de Barcelos à Póvoa de Varzim e pelas Estradas Municipais que partem desta uma para a Fervença e outra para a freguesia de Milhazes. No fim da Gandra segue outra Estrada para a freguesia de Faria.

É banhada ao norte pelo rio Cávado e de sul a norte pelo ribeiro Sandim, que nasce nesta freguesia e vai desaguar no Cávado.

Tem as seguintes fontes públicas: a do Carregai, a do Salgueirinho, a do Ribeiro e a de Rebordões.

A sua população no século XVI era de 35 moradores; no século XVII era de 65 vizinhos; no século XVIII era de 83 fogos; no século XIX era de 431 habitantes e pelo último censo da população é de 531 habitantes, sendo 241 varões e 299 fêmeas, sabendo ler 144 homens e 24 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: das Carvalhas, do Monte, da Igreja, da Aldeia de Cima, de Rebordões, da Mota, da Fervença e de Carcavelos. As casas mais importantes são: a da Fervença, a do Cruzeiro, a da Eira, a do Outeiro, a de Carcavelos, a da Mota, a de José Paulo, a do Fonseca, etc.

Tem caixa do correio e escolas para os dois sexos. Estas estão instaladas em um magnífico edifício, mandado edificar pela Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Elvira Barroso, senhora da Casa do Cruzeiro, cumprindo desta maneira a vontade de seu falecido pai, o Comendador Manuel Gomes Barroso, e gastando com esse edifício, mobiliário para professores e material didático muitas dezenas de contos.

A sua inauguração solene foi no dia 15 de Maio de 1930, assistindo a ela muito povo, autoridades, senhoras e cavalheiros deste concelho e de outros bem distantes.

O governo, associando-se à homenagem prestada a tão ilustre senhora, abriu o cofre das munificências, mandando um delegado seu e uma portaria de louvor.

O comércio desta freguesia está reduzido a duas lojas de mercearia, sendo a sua indústria quase nula.

Dos homens mais ilustres, cujos nomes andam ligados a esta freguesia, mencionaremos os seguintes:

*António Martins Gayo* filho de João Martins Gayo, senhor do Couto de Bouçós e instituidor da capela de Madre de Deus, na Póvoa de Varzim, foi armado cavaleiro em África.

Casou com D. Maria Felgueiras de Valadares e foi senhor da Casa da Fervença em Gilmonde e da Honra de Palmeira.

Juntamente com sua mulher e seu sogro Vicente Felgueiras de Valadares, instituiu em 1561 o vínculo da Fervença com capela em S. Miguel-o-Anjo na Igreja Matriz de Vila do Conde, onde tem sepultura com suas armas.

Tirou brasão em 2 de Abril de 1578 e serviu el-rei D. Sebastião com alguns galeões à sua custa.

*Manuel Gayo*, filho do antecedente, foi capitão na batalha de Alcácer-Kibir, s. g.

*Pedro Carneiro Gayo*, filho de João Felgueiras Gayo, senhor da Casa da Fervença e Honra de Palmeira, lançou fogo, quando navegava nas costas do Brasil, a uma nau que comandava, morrendo heroicamente para não cair prisioneiro nas mãos dos holandeses, contra quem combateu em 1656.

*Manuel Gayo Carneiro*, filho do antecedente, foi senhor da Casa da Fervença e da Honra de Palmeira, cavaleiro de Cristo, comendador de São Facundo, Capitão de Infantaria e Governador do Castelo de Vila do Conde.

*Bartolomeu Felgueiras Gayo*, irmão do antecedente, foi senhor da Casa da Fervença, Fidalgo da C. R., Governador das Armas da Província do Minho e Comendador de S. Facundo na Ordem de Cristo.

*P.<sup>e</sup> Melchior Machado dê Miranda*, vigário de Gilmonde, instituiu uma capela a Nossa Senhora do Livramento na Igreja Matriz.



*José Gomes*, vivendo na ocasião das lutas liberais, teve de emigrar para Inglaterra, onde casou com uma senhora daquela nacionalidade.

*Comendador Manuel Gomes Barroso*, senhor da casa que estava no sítio onde foi edificada a do Cruzeiro, adquirindo largos haveres, foi um benfeitor desta freguesia.

Os Visitadores iam pelo seu distrito reparando faltas e coibindo abusos.

Extractemos alguns *capítulos* referentes a esta freguesia : na visita de 1733 ordena-se que, se constar ao Pároco que viva aqui alguma mulher de *má opinião*, condene em três mil reis quem lhe alugou a casa; em 1760 proíbe-se que pessoas descalças e com vestidos indecentes acompanhem o Viático aos enfermos e manda-se que o Pároco não consinta que clérigos com vestidos indecentes e com tamancos, ainda que sejam em forma de sapatos, digam missa e em 1767 proíbe-se que os fregueses ouçam missa fora da Igreja bem como falem alto no Adro.

Algumas Pastorais do reinado de D. Miguel acham-se riscadas e com a nota ao lado *risquei*. Política no caso!